Doc nº 13.1.

«Quittez le ros' quittez le gris,
Prenez le noir, pour mieux choisi'.
=Or dites-moi, mère, m'amie,
Qu'ai-je donc à pleurer ici ?
«Ma fille, je ne puis plus vous l'cacher,
Renaud est mort et enterré.
=Terre, ouvre-toi, terre, fends-toi,
Que j'rejoigne Renaud, mon roi !

Terre s'ouvrit, terre fendit
Et la belle fut engloutie. [1]

O Conde Nigra, na *Romania* (vol. 11, pag. 391) publicou uma serie de versões piemontezas; uma d'ellas, a IV, começa como a portugueza:

Ven de la cassa lo Re Rinaldi,
Ven de la cassa, l'é tut feri

Na Bretanha este romance tem o titulo de *Conde Nann*. *(Rev. politique e litteraire*, vol. 11. p. 834.)

§ *II — Cyclo da Esposa infiel*

1. Conde de Alemanha — *(Romanceiro*, vol. II, p. 1 a 27.) — O titulo d'este romance apenas alterado em a *Rainha descoberta*, (Elvas) contém um sentido social ainda conservado no titulo com que é conhecido na ilha da Madeira, *Conde de Aramanha* e *Conde de Germanha*. Fallando das *Hermandades* escrevemos: «O nome de *Arimania* e *Ariman*, que na lingua hespanhola se conserva em *germania*, *hermandad*... As *Hermandades* tornaram-se um poderoso elemento de ordem na peninsula, mas algumas vezes foram cumplices dos crimes da realeza. Em uma canção de Ayras Nunes (Canc. Vat., n.º 455) as Hermandades são envolvidas tambem no quadro da corrupção geral. As *Irmandades* tinham por norma o recusar abrigo aos malfeitores, resolverem as suas questões pelo julgamento dos tribunaes; estas ligas tornaram-se um elemento de organisação civil; o sino *(campana)* da sua egreja é que as convocava, e debaixo das carvalheiras do adro se davam as sentenças.» *(Canc. da Vaticana)*, p. XXXIX). Não se tratava de um conde da Allemanha, mas do chefe da *Arimania* ou

[1] Ap. Ampère, *Instructions relatives aux Recueil de Poesies populaires de la France.*

Germania, que era a confraternidade de homens livres ante o poder feudal, que veiu a decahir e a confundir-se com os leudes (*Arm-leute*, ou abreviadamente *Arlot.*) Em 1845 escrevia J. J. de S. P., na *Revista litteraria do Porto*, t. 12, 2.ª série, p. 121: «Grande nacionalidade peninsular se descobre no lindo romance do *Conde d'Alemanha*, romance que muitas vezes temos ouvido cantar em portuguez e com muita graça na provincia do Minho, pelas visinhanças da Villa de Guimarães (hoje cidade) e pelas immediações de Landim, perto da confluente dos Rios Ave e Visella, aonde arranjámos um bom peculio de antigas trovas e cantigas populares, todas compostas em metros octonarios.» O mesmo colleccionador diz que se encontram estes romances «com especialidade na bocca das velhas criadas, que muitas vezes costumam cantar ás criancinhas e para entreter os rapazes.» Faz lembrar a scena da Ama na *Rubena* de Gil Vicente. Do Conde de Allemanha escreveu Garrett: «Facto conhecido da historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance.» (Rom., II, 79.) Don Agustin Duran fallando da versão castelhana: «Tiene este romance antiquissimo alguna analogia con el historico del Conde Garci-Fernandes; pero uno y otro mas parecen tomados de una fabula caballeresca, que no de un hecho verdadero.» *(Romancero general*, n.º 305.) As versões de Traz-os-Montes e Beira Baixa cheias de repetições dithyrambicas, são o que ha de mais pittoresco na inspiração popular; é n'essas fórmas dithyrambicas que borda a capricho, libertando-se da assonancia forçada. E' a parte movel por onde a *variante* vae de geração em geração modernisando o romance. Nas versões da ilha de Sam Jorge (Açores) a da Urzelina apresenta essas repetições acintosas e insistentes que traduzem o animo da filha que convida a rainha para vêr o saimento do Conde.

Eis a versão castelhana do seculo XVI:

El Conde Aleman

A tan alta va la luna,
Como el sol a medio dia;
Quando el buen conde Aleman
Y con la reyna dormia;
No lo sabe hombre nascido
De quantos en corte avia,
Sino era la infanta
Aquessa infanta su hija.
Y su madre le hablava,
Desta manera decia:

—Quando vieredes, infanta,
Quando vieredes, encobrildo;
Davos ha el conde Aleman
Un manto de oro fino.
«Mal fuego lo queme, madre,
El manto de oro fino,
Quando en vida de mi padre
Tuviese padrasto vivo.

De alli se fuera llorando,
El rey su padre la ha visto:

—«Porque llorays, la infanta,
Deci quien llorar os hizo?
«Yo me estava aqui comiendo
Comiendo sopas de vino;
Entró el Conde Aleman
Y échólas por el vestido.
—«Calleys, mi hija, calleys,
No tomeys desso pesar,
Que el Conde es niño y muchacho
Hazer lo ya por burlar.
«Mal fuego quemasse, padre,
Tal reyr y tal burlar,
Quando me tomó en sus braços,
Comigo quizo holgar.
—«Si el os tomó en sus braços,
Y con vos quizo holgar,
En antes que el sol saliesse
Y lo mandaré matar.

(*Cancionero de Romances*. Anvers, 1555.—Jacob Grimm, *Silva de Romances viejos*, p. 227.)

Na versão trasmontana de Carviçaes vem como castigo do Conde:

—Cal'-te lá, oh minha filha,
Não o queiras duvidar:
Nas cordas d'esta guitarra
Eu o mando enforcar.

(*Rom. trasmontano*, n.º 81. Rev. lusit., vol. IX, p. 311.)

Liga-se esta circumstancia á contaminação com o romance da *Silvana*; e mesmo com este titulo apparece muito desenvolvido na versão do Algarve (*Revista lusitana*, vol. III, pag.

Doc. nº 19 3.

151 a 155); a lição açoriana de Rosaes (ilha de Sam Jorge) terminava com o fecho do romance da *Sylvana*, pela tendencia do syncrestimo que se passa na memoria do povo em que certos versos se convertem em modismos e traços imprescindiveis. Em duas versões de Lagos (Algarve) tem o titulo de *Conde de Lamenha*, (*Rev. lusit.*, vol. VI, p. 151 a 155) e tambem *A Condessa*. (ib., n.º 156 a 161.)

Nos *Cantos tradicionaes dos Judeus de Levante*, n.º 6, tem o titulo de *El Conde Aliman*; (Antologia de Poetas, t. X, p. 307, de Menendez y Pelayo), é uma syncretisação com o romance do *Conde Olinos*:

En el vergel de la reina
crescia un buen rosal;
en la ramica mas alta
un ruscion senti cantar.
La reina estaba labrando,
la hija durmiendo está.

—Alevanteis, la mi hija,
de vuestro dulce folgar,
sentiredes como canta
la serenica de la mar.
«Non es la serena, mi madre,
si non el es Conde Alimán;
que el Conde es niño y muchacho,
con mi quijo burlar.
—Si esto es verdad, mi hija,
yo lo mandaré á matar.
«Non lo mateis, la mi madre,
ni mandeis á matar;
que el Conde es niño é muchacho,
el mundo quere gosar;
si lo matas, la mi madre,
á mi y á él embarabar (enterrar).

La reina, que de el mal tenga,
presto lo mandó á matar.

2. Dona Alda — D. Aldonso — D. Alberto — Flor de Marilia — (*Romanceiro*, vol. II, p. 29 a 34.) — Este thema corrente na tradição asturiana, catalã, andalusa e betico extremanha, estava representado no Romanceiro portuguez com versões insulanas (Madeira e Açôres; só muito tarde é que foram publicadas duas versões de Traz-os-Montes, com o ti-

ROMANCEIRO GERAL PORTUGUEZ

— T. Braga

7 II p 1.

II

ROMANCES DE AVENTURAS

§ II — *Cyclo da Esposa infiel*

1

O CONDE DE ALLEMANHA

(*Versão da* Beira Alta)

Já lá vem o sol na serra, [1]
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na côrte havia;
Só o sabia a infanta, [2]
A infanta sua filha.

—Não n'as chegue eu a romper [3]
Mangas da minha camisa,

---

1 Já o sol dá na vidraça—*Ribatejo.*
2 Sabia-o Dona Silvana—*Minho.*
Sabia-o Dona Bernarda—*Beir'alta.*
3 Mangas da minha camisa,
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo meu pae da missa
Logo lh'o não fôr dizer—*Minho.*

Se em vindo meu pae da caça
Eu logo lh'o não diria.
«Cal'-te, cal'-te lá, infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde de Allemanha
De oiro te vestiria.
—Não quero vestidos de oiro; [1]
Máo fogo em quem n'os vestira!
Padrasto com meu pae vivo,
Nunca eu o consentiria.

Palavras não eram ditas,
El-rei que á porta batia.

—Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.
Estando eu no meu tear [2]
Sêda amarella tecia,
Veiu o conde de Allemanha
Tres fios d'ella me tira...
—«Cal'-te d'ahi, minha filha,
Ninguem te oiça dizer tal:
Que o conde de Allemanha
E' menino, quer brincar.
—Arrenego dos seus brincos [3]

---

1 Não quero vestidos de oiro,
Pois os tenho de damasco:
Inda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto—*Ribatejo*, *Traz-os-Montes*, *Beir'-alta*.

2 Estando eu no meu tear
Tecendo sêda amarella,
Veiu o conde d'Allemanha
Tres fios me tirou d'ella—*Porto*

3 Arrenego de tal conde—*Beira-baixa*

Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
A' cama me quiz levar.
—«Cala-te já, minha filha,
Ninguem te oiça mais fallar;
Que antes que o sol se ponha
Vae o conde a degolar.

Veis-lo conde de Allemanha,
Veis-lo, vae a degolar;
Ao rabo do seu cavallo
Lá o levam a arrastar.

—Venha cá, senhora mãe, [1]
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que ahi vae a degolar.
«Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem t'o deu de mamar,
Que a um conde tam bonito
A morte foste causar.
—Cal'-se d'ahi, minha mãe,
Ninguem lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o conde leva
Não lh'a faça eu levar. [2]

---

[1] Aqui as variantes são innumeras:

Venha cá, senhora mãe,
Para á janella do meio,
Vêr o conde de Allemanha
Enfeitado de vermelho.
Venha cá, senhora mãe,
A' janella do quintal,
Vêr o conde de Allemanha
Como vae a degolar.

Venha cá, oh minha mãe,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor conde
Como lhe parece o branco.
Venha vêr, oh minha mãe,
A' janella do pôço,
Venha vêr o senhor conde
Com uma corda ao pescôço.

[1] Algumas cópias, especialmente as da Beir'alta e Ribatejo:

N'uma campa raza e triste
Já o deixam enterrado;

Conde de Allemanha

(Versão da Beira-Baixa)

Já o sol nasce na serra,
Já lá vem o claro dia,
Inda o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia;
Não o sabia o rei,
Nem quantos na côrte havia,
Sabia-o só a princesa
Juliana, sua filha.

—Juliana, se o sabes,
Não o queiras descobrir;
Porque o Conde é muito rico,
De ouro te hade vestir.
«Não quero seus fatos de oiro,
Já os tenho de damasco;
Inda meu pae não é morto,
Já me querem dar padrasto!
As prégas d'esta camisa
Eu não as chege a fazer,
Quando meu pae vier da missa
Se eu lh'o não fôr dizer.
As prégas d'esta camisa
Não as chegue eu a acabar,
Em meu pae vindo da missa
Se lh'o eu não fôr contar.

Pozeram-lhe á cabeçeira
Um letreiro bem lavrado,
Para quem passar que diga:
=Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal de amores,
Que é mal desesperado.=

Doc nº 14

Estando n'estas rasões
O pae á porta batia:

—«Oh, que rasões serão essas
Entre uma mãe e a filha?
«Com bem venha, senhor pae,
Com Deus seja a sua vinda;
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha:
Estando eu no meu tear,
Tecendo cambraia fina,
Veiu o Conde de Allemanha...
—«Algum fio te quebraria?
Não te zangues, minha filha,
Nem me faças tu zangar,
Porque o Conde é divertido,
Talvez fosse por brincar.
«Mal o hajam os seus brincos,
Mais o seu negro brincar;
Que me pegou por um braço
E á cama me quiz levar.
—«Accommoda-te pois, filha,
Não me faças mais zangar,
Amanhã por estas horas
Vae o Conde a degolar.
«Levante-se, minha mãe,
Venha vêr a bizarria!
E o Conde de Allemanha
Tambem vae na companhia,
Com a cabeça n'um prato,
E o sangue n'uma bacia.
—Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mamaste;
Sendo o Conde tão bonito
A morte que lhe causaste.
«Acommode-se, minha mãe,

Não me faça mais zangar,
A morte que o Conde leva
Não lh'a faça eu levar.
—Bem hajas, oh minha filha,
Mais o leite que mamaste;
Menina de doze annos
Da morte que me livraste.

O Conde de Allemanha

(Variante de Traz-os-Montes)

Já o sol dava na côrte,
E já era o claro dia,
Inda o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia;
Não no saberia el-rei,
Nem quantos na côrte havia,
Sabia-o a Dona Infanta,
Filha da mesma rainha.

—«Infantinha, se o sabes,
Não me queiras descobrir,
Que o Conde é mui brioso,
De ouro te hade vestir.
«Não quero vestidos de ouro,
Que os tenho de damasco,
Meu pae ainda é bem novo,
Já me querem dar padrasto.
As mangas d'esta camisa
Não as chege eu a romper,
Se quando vier meu pae
Eu lh'o não fôra dizer.
Venha, venha, senhor pae,
Santa seja a sua vinda,

Um conto quero contar,
Um conto á maravilha.
—Conta, conta, minha filha,
Que eu gosto de te ouvir!
«Estando eu na minha cella,
Dobando sêda amarella,
Veiu o Conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.
—Cala-te lá, oh filha,
Vamos p'r'a mesa jantar,
Que o Conde é rapaz novo,
É menino, quer brincar.
«Mal hajam os seus brinquedos,
Mal haja do seu brincar,
Que pegou em mim nos braços,
A' cama me foi lançar.
—Dize pois, oh minha filha,
Que castigo lhe heide dar?
«Quero escadas dos seus ossos
Para o jardim passear.
—Cala-te lá, oh filha,
Vamos para a mesa jantar,
Que ámanhã por estas horas
Vae o Conde a degolar.
—«Arrenego-te, Marianna,
Mais o leite que mamaste,
Oh que Conde tão bonito
E a morte que lhe causaste!
«Minha mãe, minha mãesinha,
Venha á janella do canto,
Venha vêr o senhor Conde
Todo vestido de branco.
Venha vêr, oh minha mãe,
A' janellinha do pôço,
Venha vêr o senhor Conde
Com uma corda ao pescôço.

Venha, venha, minha mãe,
Venha p'ra sala do meio,
Vêr o Conde de Allemanha
Feito n'um cravo vermelho.
—«Mal o hajas tu, oh filha,
Fóra o leite que mamaste,
Sendo o Conde tão bonito
A morte que lhe causaste.
«Cale-se ahi, minha mãe,
Ninguem a ouça fallar,
Que a morte que leva o Conde
Não a vá você levar.

O Conde de Allemanha

(Versão de Celorico de Basto)

Com o Conde de Allemanha
Amores tem a rainha;
Ao pae quer contar
A filha que o sabia.

—Escuita, minha filha,
A teu pae não o digas,
Que o Conde de Allemanha
De seda te hade vestir.
«Não quero da seda d'elle,
Que os tenho de damasco;
Ainda tenho meu pae vivo,
E já me querem dar padrasto!

—

«Ora venha, meu pae, venha,
Pelo corredor acima;
Que lhe tenho para contar
Uma nova maravilha.

Estando eu a coser
Na minha seda amarella,
Veiu o Conde de Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.
—«Ora, deixa, minha filha,
Anda-me pôr o jantar,
Que elle é rapazinho novo,
Fal-o-ia por brincar.
«Mal haja os brincos d'elle,
Mais d'elle o seu brincar,
Que me pegou pela mão
A' cama me quiz levar.
—«Ora, deixa, minha filha,
Anda-me pôr o jantar,
Que ámanhã ás tantas horas
Vel-o-has ir a degolar.

«Saia fóra, minha mãe,
A' janella do quintal,
Vêl-o Conde de Allemanha,
Que lá vae a degolar.
—Amaldiçoada filha,
Fóra o leite que mamaste,
Pois um Conde tão bonito
Tu a morte lhe causaste.
«Escuite, escuite, minha mãe,
Que a não ouçam na rua,
Pois a morte que elle leva
Não vá causar a sua.

O Conde de Allemanha

(*Versão de Elvas* — Alemtejo)

Já bate o sol na vidraça,
Já lá vem o claro dia,
Já o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Nem criados, nem criadas,
Ninguem na côrte o sabia;
Sabe-o Dona Bernarda,
Filha da mesma rainha,

—Tu que o sabes, oh Bernarda,
Não me queiras descobrir,
Que o principe é muito rico,
De ouro te hade vestir.
«Não quero um vestido de ouro,
Que eu tenho os meus de damasco;
Inda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto!
As manguinhas da camisa
Não as chegar a romper,
Se em meu pae vindo da missa
Eu não lh'o fôr a dizer.

Palavras não eram ditas,
O rei á porta a bater.

«Deus vos salve, senhor pae,
Bôa seja a vossa vinda,
Que succedeu aqui um caso,
Um caso que maravilha.
—«Que tendes, Dona Bernarda,
Que estaes agoniada?
«Que heide ter, oh meu pae,
Tudo vos será contado:

Estando no meu tear,
Fiando ouro e tela,
Veiu o conde de Allemanha
Dois fios me quebrara d'ella.
—«Cala-te, Dona Bernarda,
Ninguem te oiça tal fallar,
Que o Conde é muito môço,
Fal-o-hia por brincar.
«Mal o haja a sua brinca,
Mais tambem o seu brincar,
Que me pegou pela mão,
E á cama me quiz levar.
—«Cala-te, Dona Bernarda,
Ninguem te oiça tal dizer;
Que antes do sol se pôr
O Conde hade padecer.

—Oh, que entèrro é aquelle
Que vae além a enterrar?
«E' o Conde de Allemanha,
Que meu pae mandou matar.
—«Mal o hajas tu, Bernarda,
Mais o leite que mamaste;
Sendo o principe tão bonito,
A morte que lhe causaste.
«Cale-se, senhora mãe,
Não me faça aleivosia,
Que a morte que o principe leva
Vossa alteza é que a merecia.
Cale-se, senhora mãe,
Não me faça arrenegar,
Morte que o principe leva
Inda vós a hav'reis de levar. [1]

[1] A versão da Régoa, apenas com variantes de palavras, tem este final:
—Que é isto, oh minha filha?
Em que estás tu a fallar?

A Rainha descoberta

(*Versão de Elvas*, **do Conde da Allemanha)**

Já lá vem o claro sol,
O claro luzeiro do dia,
E o Conde de Allemanha,
Com a rainha dormia.
Não o sabia El-rei,
Nem quantos na côrte havia;
Sabia o só Juliana,
Filha da mesma rainha.

—O que te peço. Juliana,
Não me queiras descobrir;
Que o Conde de Allemanha,
De ouro e prata ha-de-te vestir.
«Eu dou o seu ouro ao demo,
Tambem dou os seus damascos,
Pois se tenho o meu pae vivo,
Para que quero eu padrasto?
As manguinhas da camisa
Não as chege eu a romper,
Quando meu pae vier da missa
Eu lh'o heide ir dizer.

Palavras não eram ditas,
O pae que á porta chegava:

—«O que é isto, oh Juliana,
Que estás tão apaixonada?
«Estando eu no meu tear,
Tecendo ouro e tela,
Veiu o Conde de Allemanha
Tres fios me quebrou d'ella.

«Com a fivella do sapato,
Que me não quer assentar.

—«Deixa-te d'isso, Juliana,
Que isso seria a brincar;
Tu es nova, elle é novo,
Isso seria zombar.
«Eu não gosto de tal brinco
Nem de uma tal zombaria,
Porque o Conde me levou
A' cama onde eu dormia.
—«Cavalleiro que tal faz
Merece ir a enforcar.
«P'ra maior vingança minha,
Mande-o, meu pae, degolar.

—Oh, que sinos são aquelles
Que eu oiço a dobrar?
«E' o Conde d'Allemanha,
Que já lá vae a enterrar.
—Mal o haja a Juliana,
Mais o leite que a alimentou;
A morte de um tão bom Conde
Juliana é que a causou.
«Cale-se, oh minha mãe,
Cale-se com cortezia,
Que a morte que o Conde leva,
Vossa mercê é que a merecia.
—Mal o haja minha filha,
Mais o leite que mamou,
Que a separação de mim e o Conde
Juliana é qne a causou.
«Cale-se, oh minha mãe,
Cale-se por seu bel estar;
Que a morte que o Conde leva
Não lh'a faça eu levar.
—«Oh que rasões são essas
Entre a mãe e entre a filha?
«Quebrou-se-me um fio de ouro,
Endireital-o não podia.

Conde de Allemanha

(Versão de Loule — ALGARVE)

Já lá vem a luz da aurora,
Já lá vem o claro dia,
Inda o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia,
Sabia-o a Dona Infanta,
Filha da mesma rainha.

—Cala-te, oh minha filha,
Não vos queiraes descobrir,
Que o Conde é muito rico,
De ouro te hade vestir.
«Não quero vestidos de ouro,
Nem de seda ou de damasco,
Que eu tenho ainda pae vivo,
Não me queiram dar padrasto.
As mangas d'esta camisa
Não as chegue eu a romper,
Se meu pae quando chegar
Tudo lhe não fôr dizer.

Estando n'estas rasões,
Seu pae á porta chegava : [1]

---

1 *(Versão de Lagos)*

. . . .
N'estas rasões em que estavam
O seu pae que alli chegava:

—«O que é isto, senhora?
—E' uma mãe e uma filha...
«E' o conde, oh meu pae,
Que commigo quer zombar.
—«Deixa-te lá, minha filha,
Que o conde é zombador,
Comtigo gosta de zombar.

—«O que é isso, oh minha filha,
Por que estás tão enfadada?
«Estava no meu tear,
Tecendo sêda amarella,
Vem o Conde de Allemanha
E tres fios me tirou d'ella.
—«Deixa lá, oh minha filha,
Que elle é novo e quer brincar.
«Mal haja esse seu rir,
E tambem o seu brincar;
Elle me pegou pela mão
A' cama me quiz levar.
—«Cala-te lá, oh minha filha,
Vamos ao nosso jantar;
Quando derem duas horas
Eu o mandarei matar.

«Venha cá, oh minha mãe,
Venha á janella terceira,
Vêr o Conde de Allemanha
Que lá vae na dianteira.
Venha cá, oh minha mãe,
Venha á janella do canto,
Vêr o Conde de Allemanha
Todo vestido de branco.
Venha cá, oh minha mãe,
A' janellinha do pôço,
Vêr o Conde de Allemanha

«Não gosto do seu zombar,
Nem tão pouco da zombaria!
Se eu fosse pelo seu zombar,
Não era Dona Maria.
—«Filha, se isso é assim,
Dá cá um cópo de agua,
Que antes do sol raiar
Vae o Conde a degolar.
. . . .

Com uma corda ao pescôço.
Venha cá, oh minha mãe,
A' janellinha do meio,
Vêr o Conde de Allemanha,
Parece um cravo vermelho.
Venha, venha, minha mãe,
A' janella do quintal,
Vêr o Conde de Allemanha
Que já se vae a enforcar.
—Mui maldita sejas, filha,
Mais o leite que mamaste!
A um Conde tão bonito
A morte que lhe causaste.
«Cale-se, oh minha mãe,
Não me faça arrenegar!
Que a morte que o Conde leva
Não lha faça eu levar.
—Mui bemdita sejas, filha,
Mais o leite que mamaste,
És menina de quinze annos,
E da morte a mãe livraste.

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

Conde Dom Germano

(Versão da Camacha)

Bate lo sol na janella,
Impina já p'ra meio dia,
Inda Conde Dom Germano
Mail'a rainha dormia!
Na côrte ninguem no sonha,
Na côrte ninguem sabia,

Senão sua filha mesma,
Que de ciumes ardia.

«Oh filha d'estas entranhas,
E a quem eu tanto queria,
Se de vós eu tal soubesse
A ninguem lo descobria:
Que lo conde Dom Germano
Pezo d'oiro te daria;
Da cabeça até los pés
Damasco te vestiria.
—Pezo d'oiro tenho eu,
E visto fino damasco;
Inda tenho meu pae vivo,
E já vós me daes padrasto?
Mangas da minha camisa,
Eu rompel-as não chegasse,
Se, em vindo meu pae da guerra,
Lo treidor não castigasse.

Palavras não eram ditas,
El-rei á côrte volvia,
E, entrado em palacio,
La infanta se carpia.
E el-rei lhe perguntava:

—«Que tens tu, oh minha filha?
—Ouvi, pae, se qu'reis saber
Um caso á maravilha:
Estava eu ao meu tear
E fina tela tecia,
Veiu lo conde Dom Germano
Tres lanços d'ella desfia!
—«Cal'-te, cal'-te, minha filha,
Não tenhas d'isso pesar;
Que lo conde Dom Germano

É mocinho, quer brincar.
—Leve o deabo taes brincos
Mail lo seu rudo brincar,
Se elle me pegou do corpo,
E saltou a me beijar.
—«Alto lá, senhor condinho,
N'isso, então, devagar;
Paço real é sagrado,
Vou-te mandar degolar.
—Eu vos peço, senhor pae,
Que venha elle a matar
No terreiro d'este paço,
Onde elle me quiz affrontar.

Inda lo sol na janella,
Passante já do meio-dia,
E lo conde Dom Germano
Vae a morrer, não dormia.
La rasão ninguem na sonha,
Ninguem na côrte sabia,
Senão la infanta mesma,
Que de ciumes ardia.

«Arrenego de vós, filha,
Que do meu leite mamastes!
Estando vós sempre ao tear,
Por que livro estudastes?
—Arrenego de vós, mãe,
Que nem lagrima chorastes!
Livro por onde estudei
Fostes vós que lo ditastes.
E calae-vos, mãe senhora,
Que de bom quinhão ficastes;
Tende vós a mesma culpa,
Lo mesmo fim não levastes.

Doc n.º 14

Conde de Germanha

(Versão de Campanario)

Já lo sol dá na janella,
Impina já a meio dia,
Inda Conde de Germanha
Com a rainha dormia;
La Infanta bem lo sabe,
E ninguem mail lo sabia.

—Minha filha, que eu beijava,
Que eu no colo dormecia,
Guardae-me filha, segredo,
Que ninguem descobriria;
Esse Conde é tão rico,
Que de ouro te vestiria.
«Não quero vestidos de ouro,
Tenho-los de bom damasco,
Ainda meu pae está vivo,
E não quero ter padrasto.
Las mangas d'esta camisa
Eu não las chegue a romper,
Se, vindo meu pae da caça,
Eu não lhe fôra dizer.

Da caça lá vem el-rei;
Sua benção deu á filha.

«Ouvide vós, pae, ouvide,
Um caso á maravilha:
Estava no meu tear
Lavrando na fina tela,
Passou conde de Germanha
E tres fios quebrou d'ella.
—«Calae-vos, filha, calae-vos,

Deixae vós isso passar,
Não vol-o fez elle a mal
Se não sómente a brincar.
«Tambem assim lo cuidava,
E lo mandei arredar;
Mas agarrou-me das mãos
E ao chão me quiz levar.
—«Isso agora, filha minha,
Não se póde perdoar;
Defronte do meu palacio
Vá lo conde a degolar.

Vem el-rei mail la rainha,
La infanta em seu logar,
Com toda la fidalguia
Lo Conde ver acabar.

«Vinde cá, senhora mãe,
Olhae aqui d'este lado,
Se qu'reis vêr lo senhor conde
Como vae tão descórado!
Vinde cá, senhora mãe,
Olhae aqui d'outro lado,
Se qu'reis vêr lo senhor conde
Como ficou de encarnado!
—De viva peçonha fôra
Meu leite que vós mamastes!
Vós, sem aprender a lêr,
Que cartilha estudastes!
—«Fallae, mãe, devagarinho,
Não oiçam vosso fallar;
Que da morte qu'elle teve
Não vades tambem penar.

O Conde d'Aramanha

(Variante de Caniço)

Já dos altos dos telhados
Lo sol p'ra baixo descia,
Inda conde d'Aramanha
Mail la rainha dormia!
Não lo sonhava el-rei,
Nem quantos na côrte havia,
Só la princeza real
Este segredo sabia,
Que da janella da alcôva
Velou la noite á vigia.

«Mangas da minha camisa
Não nas chegue eu a romper,
Se, vindo meu pae da missa,
Lhe não fôr tudo dizer.
—Calae-vos 'hi, rica filha,
Nada lhe vades dizer;
Que lo conde vos dará
Telas d'oiro p'ra romper.

«Não quero tamanhas galas,
Tenho linho e damasco;
El-rei meu pae não morreu,
Não me venhaes dar padrasto.
Mangas da minha camisa
Não nas chegue eu a romper,
Se, vindo meu pae da missa,
Lhe não vou tudo dizer.

«Subi, pae, vinde cá'rriba,
Muito vos tenho a contar;
Conde d'Aramanha veiu

Vossa casa devassar:
Estava eu a tecer tela
Nos pentes do meu tear,
Lo atrevido do conde
Tres fios me foi quebrar!
—«Filha, não façaes monta;
Coisa é de perdoar:
Fôra talvez o acaso
Ou foi talvez por brincar.
«Não lhe perdôo tal caso,
Tão pouco lo seu brincar;
Que elle agarrado a mim,
Debaixo me quiz levar.
—«Isso leva outra volta,
Que bem quero castigar.
Correi correi, meus fidalgos,
Minhas justiças chamar.

—

—«Vinde cá, velhos letrados,
Sentença no caso dar;
Que lo conde d'Aramanha
Bem lo quero castigar.
=Pena tamanha da culpa
La culpa tem de pagar.
Mandae-lhes vasal los olhos
Que tão alto vão olhar:
Mandae-lhe quebral las pernas
Com que se foi ao logar;
Mandae-lhe quebral los braços
Com que la quiz agarrar;
Mandae-lhe, por derradeiro,
La cabeça degolar;
Todo lo corpo, n'um feixe,
Em cinzas se vá tornar.

—«Meirinhos, predam lo conde,

Frades lo vão confessar;
Mas basta, p'ra sua pena,
Que só vá a degolar.

Entrementes la princeza
E la rainha fallavam:

«Senhora mãe, vinde vèr,
Vinde cá fóra ao balcão,
Lá vae conde d'Aramanha
Nos braços d'um capellão.
—Pol a vida que te dei,
Pol o leite que mamaste,
Não zombes, filha treidora,
Da morte que lhe causaste.
«Senhora mãe, vinde vèr,
Depressa, devagar não:
Lá está conde d'Aramanha,
Já no poder do sayão.
—Pola vida que te dei
Polo leite que mamaste,
Não zombes, filha treidora,
Da morte que lhe causaste.
«Senhora mãe, vinde vèr,
Vinde cá a este lado;
Lá está conde d'Aramanha
A rezar agiolhado.
—Pol a vida que te dei,
Pol o leite que mamaste,
Não zombes, filha treidora,
Da morte que lhe causaste,
«Consolae-vos, minha mãe,
Que tudo esta acabado:
Foram dois na mesma culpa,
E só um lo degolado

Conde de Allemanha

(Variante do San Gonçalo)

Vinha lo sol dos oiteiros,
Já era claro lo dia,
E lo conde d'Allemanha
E la rainha dormia.
La princeza que isto soube,
De sua mãe e rainha,
Foi ter com ella dizer-lhe
Que tal feito não convinha.

—Filha minha, já que sabes,
Não descubras meu segredo;
Que só d'el-rei lo sonhar
Toda eu tremo de medo.
«La camisa do meu corpo
Não na chegue eu a romper,
Se, vindo meu pae da guerra,
Logo lh'o não fôr dizer.
—Filha de minhas entranhas,
Não me sejas desleal;
Aqui me tens de giolhos,
Não lhe vás tu dizer tal,
E te darei minhas joias,
Que são do rico metal;
E vestido de brocado,
Que não ha outro egual;
E te prometto marido
Nado de sangue real;
E mais te darei em dote
Todo lo meu cabedal.

—«Erguei-vos d'ahi, mãe minha,
Não sou eu la desleal:

Não quero las vossas joias,
Meus oiros têm bom metal:
Não que vossos brocados,
Los terei d'oiro egual:
Meu pae me dará marido,
Nado de sangue real;
Tambem dote me dará
De mais grosso cabedal.
La camisa do meu corpo
Não na chegue eu a romper,
Se, vindo meu pae da guerra,
Logo lh'o não fôr dizer.

Palavras não eram ditas,
Las trombetas a tocar;
E nas torres da egreja
Los sinos a repicar,
E las portas do castello
Abertas de par em par!
É el-rei com sua tropa
Pelo portal a entrar;
E, chegando a palacio,
El-rei logo a desmontar;
Todos contentes em roda,
Só sua filha a chorar.

—«Porque carpís, filha minha,
Em tão pruvico logar?
«Senhor pae, são tristes novas
Que só a vós vou contar;
Tomae ânimo de ouvil-as;
Mal lo tenho de las dar,
Que lo conde d'Allemanha
Vos venho denunciar:
Emquanto, vós pae, na guerra,
Andastes a batalhar,

Elle cá mail la rainha
Na alcôva se iam deitar!
—«Não los haver eu colhido
Em seu peccado mortal!
Que logo lo pagariam
Na ponta do meu punhal.
Mas d'essa tamanha culpa
Que me daes vós por sinal?
«Que só elles aqui faltam
A vos saudar no portal.

E el-rei ficou calado,
Só comsigo a pensar,
Quantos lo viam tremem
Do que elle iria mandar.

—«Venham los meus saiões,
Venham los dois matar;
Ao rabo do meu cavallo
Irá lo conde a arrastar:
E tambem a ti, má filha,
Não te quero perdoar;
Em pruvico lo dixeste,
Minha affronta vaes penar.

Presos foram todos tres,
Todos tres a degolar;
Lo conde, por ser vassallo,
Foi levado a arrastar.
El-rei nunca mais se riu,
Em frade foi acabar.

ARCHIPELAGO DOS AÇÔRES

Conde de Allemanha

(Versão da Ilha de S. Jorge)

Já o sol dá na vidraça,
Ai Jesus! tão claro dia!
Ainda o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia!
Não o sabia el-rei,
Nem quantos na côrte havia;
Sabia-o Dona Bernarda,
Filha da mesma rainha.

—Senhora Dona Bernarda,
Bem nos podeis encobrir;
Que este Conde é muito rico,
De ouro vos hade vestir.
«Não quero vestido de ouro,
Que eu o tenho de damasco;
Ainda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto!
Mangas da minha camisa
Não as chegue eu a romper,
Se meu pae vier p'ra casa,
Se lh'o eu não fôr dizer.

Estando com este verso,
O pae á porta a bater:

—«Que tendes, Dona Bernarda,
Que tendes, oh filha minha?

Conta-me das tuas magoas,
Que eu contarei maravilhas.
«Estando no meu tear,
Bordando ouro e tela,
Veiu o Conde de Allemanha
Dois fios me furtou d'ella.
—«Calae-vos, Dona Bernarda,
Andae p'ra meza jantar,
Que o Conde é pequenino,
E' menino. quer brincar.
«Leve o diabo seus brincos,
Mais o seu lindo brincar;
Que me pegou pela mão
A' cama me quiz levar.
—«Calae-vos, Dona Bernarda,
Vinde p'ra meza jantar,
Que o pagem de Allemanha
A'manhã vae a matar.

«Meu pae, se o mandar matar
Não o enterrem em sagrado;
Enterre-o em campo verde
Onde se apastou o gado,
Com um letreiro na testa,
Um letreiro bem lavrado.
Que o letreiro vá dizendo:
=Já morreu o namorado.=
Senhora Dona Maria,
Andae, chegae á janella;
Vède o Conde de Allemanha
A companhia que leva!
Oh minha mãe, vinde vêr
O Conde da bizarria;
Elle acolá vae morto,
Leva toda a fidalguia.
Chegue-se, senhora mãe,

Chegue á janella do mar,
Vêr o Conde de Allemanha
Como vae a desbancar.
Chege-se, senhora mãe,
Chegue a vidraça do meio.
Vêr o Conde de Allemanha
Como lhe fica o vermelho.
—Eira-má te leve, filha,
Mais o leite que mamaste!
Era um Conde tão perfeito,
A morte que lhe causaste!
Oh que corpo tão pequeno,
Maldito te seja, filha;
Oh cadella, que mataste
Minha leal companhia!
«Calae-vos, senhora mãe,
Calae vos, por cortezia;
Se o senhor pae tal soubera,
Outro tanto lhe faria.

2

ARCHIPELAGO DA MADEIRA

DONA ALDA

(Versão da Calheta)

Dom Aldonso foi á guerra,
Lá p'ra bandas de Leão;
Em sua casa Dona Alda
Está sentada no balcão:
E passou pol o caminho
Lindo conde, Dom Roldão.

Doc. nº 21

El conde Alemán

4 versiones del romance
colector A Thomaz Pires – Alemtejo
A Tradição – año 1901 p. 91 y 92

Doc nº 2

Hija que se acusa por disculpar á su madre.
(rei da Lamanha) ia i ao ia a

- Rev. Lusit. VI°. 168/169. Dos versiones de Algarbe. En la doña Bernarda a que alude C. Michaël. d V. en Rev Lusit II. 234 no cita versiones. [= Primav.ª nº 170 ?]
- T. Braga Rom. Geral p. 75 - 77 - p. 198. nota.
- T. Braga Rom. Azores p. 208
- Rev. Lusitana ~~XV~~ XI. p. 102 bs. Trad. pop. de Atalaia por C A Monteiro.

El conde de Alemaña

Já là vem o sol abaixo
já là vem o claro dia -

Folklore beirão

Tiene música

Portugalia T II. fasc 2. p. 281

A. Rodrigues de Azevedo, Romanceiro do Archipelago da Madeira, (Funchal, 1880) (Indice de temas pan-hispánicos)

Santa Irene 17-20
Santa Teresa 31-33
Rico Franco 57-62
Gerineldo 63-72
Canción del huérfano 74
Conde Claros y la infanta (radicalmente alterado) + Canción del huérfano 72-77
Conde Claros y la infanta + Canción del huérfano + Prisionero 78-81
Conde Cláros insomne + Conde Claros y la infanta 81-98
Conde Claros y la infanta 99-103
Adúltera (6) 103-107
Delgadina 107-112
Silvana + Delgadina 112-115
Novia abandonada + No me entierren en sagrado 115-118
Conde Olinos + Novia abandonada + Conde Olinos 118-127
Conde Alarcos 127-141
Bernal Francés + Aparición 141-150
Mala hierba 150-155
Infanta deshonrada + Conde Claros fraile 156-158
Doncella guerrera 159-172
Conde Alemán y la reina 172-185
Doña Oliva 185-190
Don Duardos + Flérida 191-201
Bella Infanta + Cautivo del renegado 202-204
Búcar sobre Valencia 204-210
Hermanas reina y cautiva 211-219
Cautivo del renegado 221-229
Fiebre amarilla 234-237
Nau Caterineta 238-249
Muerte del príncipe de Portugal + No me entierren en sagrado 249-251
Muerte del príncipe de Portugal 251-253
Raptor pordiosero 254-256
Linda pastora 257-261
Frei João 262-273
Dama y el segador 285-286
Infantina + Caballero burlado (radicalmente elaborado) 340-360
Infantina + Caballero burlado + Don Bueso y su hermana 360-363